

CONSUMO DE MEDICAMENTOS POR ESTUDANTES PARA ENFRENTAR O DIA A DIA DA UNIVERSIDADE

CONSUMPTION OF MEDICINES BY STUDENTS TO COPE WITH EVERYDAY LIFE AT UNIVERSITY

Gilberto Leocadio de Lima Filho¹

RESUMO: O objetivo da pesquisa foi investigar a relação do consumo de medicamentos por estudantes universitários com possíveis fatores socioculturais, traçando o perfil dos estudantes e classificando as principais causas que levam ao uso. Métodos: trata-se de uma pesquisa descritiva e analítica, com abordagem quantitativa e qualitativa. Foi aplicado presencialmente um questionário com perguntas diretas e outras perguntas abertas que foram transcritas, classificadas e tipificadas em categorias. Resultados: Quase metade dos estudantes faz uso de medicamentos com o intuito de enfrentar o dia a dia da universidade. Os analgésicos, estimulantes, fitoterápicos e relaxantes musculares foram os principais dos medicamentos. Eles têm sido usados para mitigar os sintomas das tensões emocionais vivenciadas no ambiente universitário. As principais razões que levaram os estudantes a fazer uso dos medicamentos: 30,0% a ansiedade e estresse, 26,9% foram as dores, 14,4% as demandas da universidade como cobranças, provas, aulas, 10,6% a insônia, distúrbios do sono. Conclusão: O consumo de medicamentos para enfrentar o dia a dia da universidade é um indicador do estado de saúde física e mental dos estudantes universitários. Foi possível demonstrar que as tensões emocionais estão relacionadas diretas ou indiretamente com os problemas da universidade e o seu contexto sociocultural.

382

Palavras chave: Medicamentos. Estudantes universitários. Saúde mental. Ansiedade.

ABSTRACT: Background. The aimed research to invastigate the relationship between medicine consumption by university students and possible sociocultural factors, outlining the profile of students and classsifying the main causes that lead to use. Methods. This is descriptive and analytical research, with a quantitative and qualitative approach. The use of statistical data was calculated by SPSS software. A survey was administered in person with direct questions and other open questions that were transcribed, classified and typed into categories. Results. Almost half of students use medication to cope day-to-day life at university. Analgesics, stimulants, herbal medicines and muscle relaxants were the main medications. These have been used to mitigate symptoms of emotional tensions experienced in the university environment. The main reasons that led students to use medication: 30% were anxiety and stress, 26,9% were pain, 14,4% were demands of the university such as charges, exams and classes, 10,6% were insomnia and sleep disorders. Conclusion. The consumption of madicines to cope with everyday life at university is na indicator of the physical and mental health conditions for university students. It was possible demonstrate that emotional tensions are directly or indirectly related to the problems of the university and its sócio-cultural context.

Keywords: Medicines. University students. Mental helath. Anxiety.

¹Professor titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Psicólogo, com mestrado e doutorado em ciências sociais pela Universidade Federal da Bahia - UFBA.

I INTRODUÇÃO

Diversas pesquisas tem se empenhado em investigar o fenômeno do consumo de medicamentos psicotrópicos, além de álcool, maconha e tabaco entre estudantes universitários, como pode ser visto em Oliveira e Furegato (2008); Stone e Merlo (2019). Os dados sobre o consumo de substâncias lícitas e ilícitas trazem indicadores importantes do estado de saúde mental de uma parcela dos estudantes universitários. No caso do uso de medicamentos psicotrópicos essa relação é ainda mais direta. Isso porque a maioria dos estudantes não faz uso por recreação (como no caso do uso de álcool e outros entorpecentes) e sim para lidar com sintomas psicológicos, sendo a universidade um potencial fator de risco. McCabe et al. (2005; 2014) tem uma discussão interessante a esse respeito. Convém salientar que analisar o estado de saúde mental de uma determinada população é uma tarefa de extraordinária importância, pois, os efeitos desse tipo de comprometimento têm reflexos, na economia, na saúde coletiva e vários segmentos da sociedade como podemos ver nos trabalhos de Katona (1959); Dooley (1981; 1989); Helman (2009); Zivin et al. (2010) e Saurina (2019); além do ótimo trabalho de Godman-Mellor (2010). Porém, essa é uma tarefa tão complexa quanto imprecisa, pois, há um grande desafio metodológico que é examinar a dimensão subjetiva.

A investigação do estado de saúde mental a partir do consumo de medicamentos psicotrópicos é uma abordagem muito interessante, pois se baseia numa estratégia um pouco mais objetiva. No entanto, ela se depara com um grande problema que a presente pesquisa constatou: nem todos os estudantes que tinham algum comprometimento da sua saúde mental faziam uso de substâncias psicotrópicas. Percebemos, então, que os estudantes faziam, sim, o uso inadequado de outros medicamentos não psicotrópicos, e, em muitos casos com desvio de finalidade. Ou seja, os medicamentos como relaxantes musculares ou medicamentos anti-emético ou anti-vertiginoso estavam sendo utilizados para lidar com sintomas como ansiedade, insônia ou estresse, por exemplo. A abordagem do uso inadequado e desvio de finalidade dos medicamentos é importante porque leva, inevitavelmente, a reflexão de que o estado de saúde mental dos estudantes pode estar sendo subestimado.

Importantes trabalhos como o de Bavarian (2013) vão discorrer sobre o uso inadequado de estimulantes entre estudantes universitários. Benson (2015) também aborda a mesma questão por via de uma importante revisão meta-analítica. Além do uso inadequado dos medicamentos para lidar com transtornos psicológicos foi percebida uma procura muito grande por

medicamentos “fitoterápicos”. Essa substância é destinada para lidar com problemas como a ansiedade e que frequentemente é automedicada. Em suma, se quisermos entender o estado de saúde mental pelo prisma do consumo de medicamentos psicotrópicos devemos ampliar essa abordagem a outros medicamentos não psicotrópicos. Por essa razão foi necessário investigar mais a fundo o consumo de outros medicamentos com efeitos estimulantes e sedativos.

A estratégia utilizada nessa pesquisa foi a aplicação de um questionário para avaliar a relação consumo de “medicamentos x universidade”. Nessa pesquisa descobrimos que um conjunto sintomático, como insônia, dor, fobia, estresse, ansiedade, por suposto, estava relacionado aos problemas do dia a dia da universidade, porém, não havia necessariamente um tratamento médico adequado. Em sua maioria os estudantes faziam a automedicação para lidar com sintomas físicos e psíquicos.

2 MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa descritiva e analítica, com técnica de pesquisa quantitativa combinada com qualitativa em estudantes de uma universidade estadual no interior da Bahia – Brasil. A utilização de dados estatísticos foi calculados pelo programa SPSS. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa CAAE: 97060818.9.0000.0055. Foi aplicado presencialmente e na própria universidade um questionário – survey – semiestruturado com perguntas diretas do tipo (sim ou não) e outras perguntas abertas que foram transcritas, classificadas e tipificadas em categorias para que coubesse no programa estatístico. A amostragem de 333 questionários é significativa considerando o número total de alunos matriculados ativos de 2452 distribuídos nos 14 cursos oferecidos pela universidade como pode ser visto na tabela 1. Os dados são oficiais e foram disponibilizados pela Secretaria Geral de Curso da Universidade. Em cada curso foi respeitada a sua devida proporcionalidade da amostragem, com o nível de confiança de 95% e com um erro máximo de 5% em estimativas para fazer inferência para a população. As entrevistas foram feitas entre os dias 06/11/2023 a 16/12/2024 e a escolha dos respondentes foi feita de forma aleatória no interior da universidade para aqueles que demonstraram disposição para responder o questionário respeitando os termos de livre consentimento esclarecido (TCLE), que foi explicado e assinado. Nossa meta foi construir cuidadosamente uma base de dados com rigor suficiente para permitir uma visão da distribuição populacional e assim compreender como esse fenômeno afeta os diferentes segmentos populacionais dos alunos da universidade.

Tabela 1: Alunos matriculados ativos por curso 2023-2 com amostragem calculada

CURSO	ALUNOS	AMOSTRA
Biologia	229	31
Dança	38	5
Educação física	178	24
Enfermagem	223	30
Farmácia	163	22
Fisioterapia	223	30
Letras	239	32
Matemática	131	18
Medicina	168	23
Odontologia	203	28
Pedagogia	311	42
Química	189	26
Sistemas de informação	109	15
Teatro	48	7
TOTAL	2452	333

Fonte: Secretaria geral de cursos da universidade; autor

3 RESULTADO E DISCUSSÃO

3.1 Universidade e medicamentos

Foi perguntado aos estudantes se nos últimos seis meses eles consumiram ou ainda consomem medicamentos para enfrentar o dia a dia da universidade. A pergunta foi direta e aberta com a intenção de investigar a relação do consumo de medicamentos (quaisquer) com a universidade. Com o resultado descobrimos que uma quantidade expressiva de estudantes afirmava que sim. Cerca de 48,0% fazem uso de medicamentos para enfrentar o dia a dia da universidade como indica a tabela abaixo.

Tabela 2: Toma medicamento para enfrentar o dia a dia da universidade

	Frequência	Porcentual	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Sim	160	48,0	48,0	48,0
Válido Não	173	52,0	52,0	100,0
Total	333	100,0	100,0	

Fonte: Autor

Os analgésicos e anti-inflamatórios respondem por 59,4% dos que fazem uso, como pode ser visto na tabela 3. Os estimulantes como a Cafeína, Melatonina e Ômega 3 somam 8,8%. Os Fitoterápicos somados (Passiflora, Fisioton, Calmam, Valeriane e Seakalm e outros fitoterápicos não especificados) chegam a 8,1%. Os relaxantes musculares 6,3%. Os outros psicotrópicos são 5,0%. Cabe aqui ressaltar que esse grupo de estudantes só consegue enfrentar o dia a dia com esse tipo de medicamento. Ritalina também 5,0% e o restante são medicamentos como Dramin, Gaba, Histamin, etc.

Tabela 3: Medicamentos consumidos

Medicamento	Frequência	Porcentual
Analgésicos e anti-inflamatório	95	59,4%
Relaxantes musculares	10	6,3%
Dramin	4	2,5%
Fitoterápicos (Passiflora, Seakalm, Ansiodoron)	13	8,1%
Estimulantes Cafeína, Melatonina, Camomila, Ômega 3	14	8,8%
Calmanete	2	1,2%
Anti-hipertensivo (Captopril)	1	0,6%
GABA (sedativo e indutor do sono)	3	1,9%
Melatonina		
Outros psicotrópicos	8	5,0%
Multigripe (* efeito colateral que dá sonolência)	1	0,6%
Ritalina	8	5,0%
anti-histamínico (Histamin, Sominex)	1	0,6%
Total	160	100,0

Fonte: Autor

Essas respostas nos dá uma pista sobre a relação entre os problemas enfrentados na universidade, os sintomas e o uso de medicamentos. Analgésicos, estimulantes, relaxantes musculares, psicotrópicos e fitoterápicos tem sido usado para atenuar os sintomas das tensões emocionais vivenciadas no ambiente universitário.

O caso dos psicotrópicos e dos fitoterápicos nos traz uma reflexão ainda mais focada nos sintomas e nas queixas dos estudantes. A principal delas é a ansiedade. Alguns estudantes fazem uso de psicotrópicos e outros dos fitoterápicos embora os sintomas sejam os mesmos. A diferença entre um e outro estudante é que, dentre os que fazem uso dos fitoterápicos há um medo do tratamento com o psicotrópico, ainda que os sintomas psicológicos tenha a mesma gravidade. O chamado “medicamento de tarja preta” carrega um forte estigma como um “remédio de louco”, além de ser mais difícil a sua aquisição, pois só é vendido por prescrição médica. O outro fator que leva os estudantes com sintomas psicológicos a evitar o psicotrópico é medo de tornar-se dependente desse medicamento. Por essas e por outras razões muitos estudantes preferem automedicar-se com os fitoterápicos e outros medicamentos com desvio de finalidade.

Parece haver um forte entusiasmo na comunidade científica em favor do uso dos fitoterápicos para enfrentar os sintomas de ansiedade. Diversos são os trabalhos de revisão de literatura que enfocam a abordagem dos benefícios desse tipo de medicamento. A ideia de substituí-lo por um medicamento psicotrópico é animadora em muitos pesquisadores. Bortoluzzi et al. (2020) fazem uma importante revisão de literatura dos últimos 18 anos listando os medicamentos fitoterápicos mais utilizados e esse medicamentos coincidem com as preferencias dos nosso entrevistados. Bortoluzzi et al. (2020) analisaram o funcionamento e os efeitos benéficos na promoção da saúde, especialmente na ansiedade.

Poucos são os trabalhos que abordam a eficácia e os riscos do uso contínuo dos fitoterápicos para tratamento de sintomas da ansiedade. Um dos importantes trabalhos meta-analíticos de ensaios clínicos randômicos é o de Kwon (2019) que fez uma revisão de literatura em pesquisas do uso de fitoterápicos para sintomas de ansiedade pós AVC. Sua conclusão como muitos trabalhos com essa metodologia é indefinida sobre a eficácia. Ou seja, ainda que o uso seja amplamente estimulado sua eficácia não é suficientemente comprovada.

Outro aspecto de destaque a essas ressalvas são os riscos. A literatura demonstra que o fato de um medicamento ser considerado natural não significa dizer que ele seja isento de risco. O importante trabalho de Luo (2021) demonstra o risco de toxicidade e da contaminação por

metais pesados em tratamento com fitoterápico. Para Luo (2021) a contaminação por metais pesados em medicamentos fitoterápicos é uma ameaça global para os seres humanos, especialmente em níveis acima dos limites de concentração conhecidos.

As principais razões que levaram os estudantes a fazer uso dos medicamentos para enfrentar o dia a dia da universidade foram em primeiro lugar com 30,0% a ansiedade, estresse, pressão psicológica acompanhada ou não de outros sintomas físicos. Logo em seguida com 26,9% foram as dores em geral. Depois com 14,4 % foram os problemas com a universidade como cobranças, provas, aulas, relação professor - aluno. Em seguida com 10,6% a insônia, distúrbios do sono (acompanhados de outros sintomas físicos). Nesta categoria a maioria tem insônia e, para isso, faz uso de diversos tipos de medicamentos que induzem o sono. No entanto, há uma parcela de estudantes com sonolência e fazem uso de medicamentos estimulantes para ficarem acordados, normalmente em véspera de provas ou outras avaliações da universidade. Portanto, toma-se medicamento para dormir e medicamento para ficar acordado. Com 8,8% estímulo à atenção, concentração, aprendizado e disposição. Com 3,8% é a sobrecarga na difícil tarefa de conciliar o emprego e a faculdade. Outras razões envolvem transtornos emocionais, infortúnios pessoais, demandas da universidade, etc. Ver tabela 4.

Tabela 4: Por que toma medicamento

	Frequência	Porcentual
Válido		
Ansiedade, estresse, transtorno de pânico, pressão psicológica (acompanhado ou não de outras sintomas físicos)	48	30,0%
Sobrecarga, conciliar trabalho e universidade	6	3,8%
Estímulo a atenção, concentração, aprendizado e disposição – cansaço	14	8,8%

Insônia, (acompanhados de outros sintomas físicos) distúrbios do sono ou para permanecer acordado(a)	17	10,7%
Dores em geral	43	26,9%
Problemas pessoais, familiares em conjunto com a universidade	1	0,6%
Preocupação e apreensão excessiva; Tentativa de organizar os estudos; Muitas demandas	5	3,1%
Problemas com a universidade, cobranças, provas, aula; relação professor aluno, apresentação de trabalhos	23	14,4%
Calor, temperatura muito alta	1	0,6%
Não sabe ou não respondeu	2	1,3%
Total	160	100,0

Fonte: Autor

3.2 Universidade e sintomas

Os principais sintomas relatados foram classificados e categorizados da mesma maneira que as razões que levaram ao estudante a fazer o consumo do medicamento. Nessa categoria, no entanto, os sintomas eram múltiplos e havia uma conexão entre eles. Vejamos o exemplo de algumas respostas dos entrevistados ao serem perguntados sobre os sintomas que justificava o consumo do medicamento para enfrentar o dia a dia da universidade: “Dor de cabeça, nervosismo e ansiedade”; “Dor de cabeça, enjoo e tontura” (notas de campo, 2023). Para que

fosse possível classificar, tipificar e categorizar foi escolhido o principal sintoma dentre outros sintomas manifestados. Os resultados abaixo podem ser conferidos na tabela 5.

Em primeiro lugar com 61,2% vêm a categoria “dores de cabeça, dores corporais acompanhadas ou não de outros sintomas psicológicos”. A dor é de longe o sintoma proprioceptivo mais percebido entre os estudantes. Em segundo lugar com 13,1% vem a “insônia, sonolência, distúrbio do sono, acompanhados ou não de outros sintomas físicos ou psicológicos”. Em terceiro lugar com 6,3% vem a “ansiedade, estresse com ou sem outros sintomas psicológicos e físicos”. Em seguida com 4,4% vêm as “palpitações, arritmia, taquicardia, tremores, dores torácicas acompanhadas ou não de manifestações psicológicas”. Com 3,8% vem a sobrecarga, exaustão, falta de energia e cansaço. Outros sintomas alegados são estatisticamente fragmentados como o enjoo, tontura, falta de ar, dificuldade de concentração, pressão psicológica, manifestações emocionais de vazio, tristeza, medo dentre outros. Portanto, há indícios de que uma parte dos sintomas psicológicos (psicossomáticos ou somatoformes) tem haver com tensões emocionais ou transtornos de ansiedade.

Tabela 5: Quais os principais sintomas

	Frequência	Porcentual
Dor de cabeça e outras dores corporais acompanhada ou não de outros sintomas psicológicos	98	61,3%
Insônia, sonolência acompanhados ou não de outros sintomas físicos ou psicológicos.	21	13,1%
Válido Palpitações, arritmia, taquicardia, hipertensão, acompanhadas ou não de manifestações psicológicas.	7	4,4%
Ansiedade, Estresse com ou sem outros sintomas psicológicos e físicos	10	6,3%

Sobrecarga, exaustão, falta de energia e cansaço.	6	3,8%
Dificuldade de concentração, atenção, esquecimento, dificuldade de raciocínio.	5	3,1%
Enjoo, tontura, ânsia de vômito	3	1,9%
Pensamentos acelerados; pensamentos intrusos com ou sem sintomas físicos	3	1,9%
Falta de ar, tremor, frio na barriga; aperto no peito, sudorese, calafrio	5	3,1%
Não sabe ou não respondeu	2	1,3%
Total	160	100,0

Fonte: Autor

Segundo o DSM V o que diferencia a ansiedade normal de uma ansiedade generalizada é principalmente o tempo de duração dos sintomas. “Assim uma pessoa que permaneça apreensiva, tensa, nervosa por um período superior a seis meses, ainda que tenha um motivo para estar ansiosa, começa a ter critérios para diagnóstico de ansiedade generalizada” (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014). Além dessa condição outros sintomas precisam ser observados como: dificuldade para relaxar ou a sensação de que está a ponto de estourar, está no limite do nervosismo; cansar-se com facilidade; dificuldade de concentração e freqüentes esquecimentos; irritabilidade; tensão muscular; dificuldade para adormecer ou sono insatisfatório; sofrimento e prejuízo no desempenho pessoal social e familiar (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014). A ansiedade era relatada com freqüência entre os estudantes, mesmo para aqueles que não tinham consciência de que seus sintomas físicos (como tensão muscular, dificuldade de concentração ou insônia) estavam associados aos seus sintomas psicológicos.

Ao cruzarmos as informações dos medicamentos utilizados com os principais sintomas, descobrimos que em muitos casos o medicamento é consumido para finalidades alheias à indicação do fabricante. Vejamos o caso do Dramin, que embora um percentual pequeno de estudantes – cerca de 2,5% dos que fizeram uso de medicamentos – afirmassem fazer uso dele para enfrentar o dia a dia da universidade, o que chama atenção é o desvio de finalidade. O Dramin tem indicação profilática para tratamento de náuseas e vômitos em geral, só que esses estudantes fizeram o uso por uma reação adversa que o medicamento provoca: a sonolência. Ao ser questionado por que tomou o medicamento todos afirmaram que tinham insônia ou distúrbios do sono. O mesmo ocorre com o Histamin que é um medicamento anti-alérgico e o Multigripe que é um xarope indicado para a gripe.

Os relaxantes musculares que deveriam ser consumidos para tratamento de problemas musculoesqueléticos também chamam atenção nesse sentido. Do total de estudantes que fizeram uso dos relaxantes musculares 30,0% afirmaram tomar em função da ansiedade e do estresse. Ainda outros 10,0% para lidar com a insônia. Não há nesse caso um tratamento para os distúrbios do sono ou transtorno de ansiedade e muito menos uma medicação adequada para esses sintomas, o estudante simplesmente faz uso inadequado e com desvio de finalidade com os medicamentos que estão mais ao seu alcance.

Os estudantes que consumiram analgésicos e anti-inflamatórios, cerca de 20%, afirmaram que foi para lidar, com a ansiedade e o estresse; enquanto 6,3% para lidar com os distúrbios do sono e há percentuais de outros grupos que consumiram o medicamento para lidar com outras necessidades. Ou seja, os medicamentos que são originalmente destinados a aliviar as dores ou baixar a febre são utilizados com outras finalidades. Tanto assim que, apenas 41,1% dos que tomaram analgésicos tinha por intenção aliviar as dores.

O consumo de medicamentos para enfrentar o dia a dia da universidade tem como principal motivação mitigar os sintomas, que, em muitos casos estão relacionados às tensões emocionais que de algum modo estão ligados aos fatores psicossociais como veremos abaixo.

3.3 Universidade e fatores psicossociais ou pessoais

Questionado sobre qual a razão que eles atribuem os sintomas manifestados, ou melhor, o que estava causando os sintomas, as respostas variava em torno da predominância. Para melhor explicar; o primeiro grupo de respostas predominava como fator a universidade, o segundo grupo predominava a universidade junto aos fatores pessoais e o terceiro grupo apenas

os fatores pessoais. Nesse sentido, 44,4% atribuíam os sintomas predominantemente à universidade: “As demandas da universidade, as disciplinas, as atividades, TCC...”. Enquanto que 34,4% atribui à conjunção de fatores entre a universidade com os fatores pessoais. Esse grupo é dividido em 4 subgrupos. Para o primeiro subgrupo de 13,1% os principais problemas são: “exaustão, cansaço, estresse, muitas cobranças”. Nesse caso a universidade é fator importante, mas também tem fatores pessoais que levam à dificuldade e o cansaço. Para o segundo subgrupo com 12,5% os principais problemas apontados são: “conciliar o emprego, a universidade e a família”. Esse subgrupo tem o fator “família” muito presente. Normalmente é formado por pais e mães de família que se desdobra para estudar, trabalhar e cuidar dos problemas domésticos, como provimento, proteção, educação dos filhos. Para o terceiro sub grupo com 4,4% os principais problemas são a “insônia, distúrbio do sono, necessidade de ficar acordado para estudar”. O quarto subgrupo com 4,4% alega problemas de “Deslocamento da sua cidade para a faculdade e problemas de transporte”. Esse subgrupo é composto de pessoas que moram em cidades circunvizinhas em que as prefeituras oferecem ônibus para o deslocamento. Muitos desses ônibus são muito velhos e oferece perigo no trajeto. Alguns alunos levam quase três horas para chegar na universidade. A maioria estuda a noite e chegam em casa por volta das 2 horas da madrugada.

O grupo que alega apenas fatores pessoais responde por 5% do total. Nele a universidade nada tem haver com os seus problemas e sintomas. Muitas pessoas desse grupo responderam que a universidade é um alívio para os seus infortúnios. É o lugar em que elas se sentem bem. Os principais problemas que esse grupo atribui são: “insegurança, ansiedade e estresse”, enquanto características individuais e originadas por problemas estritamente pessoais. Essas manifestações sintomáticas levam a dificuldades adicionais que só são suportadas administrando medicamentos. Muitos outros fatores pessoais ficaram estatisticamente pulverizados como a dificuldade de administrar o tempo e protelar estudos, deficiência na formação do ensino médio, déficit de atenção, autocobrança, necessidade de ser competitivo, etc.

Esses dados explicitam a universidade como um potencial fator de risco para medicação. A própria pergunta: “Você já tomou medicamento para enfrentar o dia a dia da universidade?”, não deixa margem de dúvida quanto ao potencial fator de risco. No entanto, temos que ter em mente a ideia de conjunção de fatores: pessoais, familiares, sociais, econômicos que, em alguns casos não estão diretamente ligados à universidade, como pôde ser visto.

Há uma relação inversamente proporcional de quem consome medicamento para enfrentar o dia a dia da universidade e a renda familiar. Quanto menor a renda maior será o percentual de consumo. Vejamos: dos que têm uma renda familiar até 1 ½ salário 54,7% consome medicamento. Dos que têm uma renda entre 2 e 4 salários 46,9%. Já entre 5 e 9 salários 36,4 %. Entre 10 e 15 salários 30% e acima de 15 salários ninguém consome para enfrentar o dia a dia da universidade. Os mais pobres estão mais propensos a consumir medicamentos para lidar com o dia a dia da universidade. Esses dados nos permite inferir que os mais pobres estão mais preocupados e tensos com as expectativas com a universidade, mercado de trabalho e futuro. Quem faz parte das classes mais privilegiadas possivelmente não tenha tanta pressão e expectativa dos resultados acadêmicos sobre si.

3.4 Universidade e pressão psicológica

Algumas perguntas complementares feitas no questionário foram elaboradas para entender a percepção dos estudantes sobre suas reações emocionais, pressões psicológicas, medos e o futuro. Essas respostas são importantes para entendermos se há uma conexão entre as manifestações psicológicas auto-referida pelos entrevistados com possíveis fatores psicossociais. Inicialmente foi solicitado ao entrevistado que associasse livremente a palavra “pressão” respondendo com a primeira palavra ou imagem que viesse à mente. Evocar uma associação de palavras diz muito sobre o mundo subjetivo da pessoa. As principais evocações das palavras foram, em primeiro lugar, com 38,1% a associação da pressão com a universidade e suas atividades, tais como: “provas, atividades acadêmicas, trabalhos, notas, scores, formatura, aulas, disciplinas, TCC”. Em seguida com 16,2% vem um grupo que associa a “pressão” com pressão psicológica direcionada, ou seja: “pressão psicológica, cobrança, demandas externas, responsabilidade, dificuldade”. Importante ressaltar que os entrevistados respondiam especificamente o tipo de pressão psicológica ou cobrança, como “cobrança dos professores, pressão psicológica do trabalho, responsabilidade familiar. Depois com 8,7% vem um grupo que associa com transtornos emocionais inespecíficos, sem definição: “sufoco, desespero, desconforto, motivação, ansiedade, insegurança, inquietação, mente e medo”. Para 6,9% as imagens estavam associadas a “hipertensão arterial”. Para 6,3% as imagens respondidas estavam associadas com “o tempo, prazo, procrastinação, imediatismo”. E para 4,8% as imagens estavam associadas ao “futuro, emprego, estabilidade, êxito, ser alguém”. Outras imagens como redes sociais, panela de pressão, computador, peso, etc. também foram relatadas. Dito isso,

percebemos que as imagens que povoam a memória da maioria das pessoas que associam a pressão têm alguma relação com a universidade e o seu contexto sócio cultural.

Para aprofundarmos ainda mais a explicitação da questão anterior foi feita a seguinte pergunta: “quais pressões da vida mais te afeta?”. Essa é uma pergunta aberta e que remete a uma infinidade de coisas que uma pessoa pode estar vivenciando, por isso mesmo a possibilidade de respostas são as mais amplas possíveis. Por isso mesmo foi muito difícil classificar e categorizar. Não obstante, o resultado confirma a questão anterior de que as pressões que mais afetam os estudantes com 28,2% são os problemas relacionados à universidade: “aula, avaliação, nota, professor, TCC, formatura”. Depois com 17,1% é o futuro e a expectativa profissional: “Mercado de trabalho, emprego, expectativa financeira, realização pessoal, estabilidade na vida”. Quase metade dos estudantes está pressionada por fatores sociais e econômicos que de alguma forma está ligado à universidade. Com 15,9% vem as pressões familiares: “família: cobrança, expectativas, resultados e retorno”. Esse é um fator social que tem menos haver com universidade. A distância da família é um fator importante, assim como a expectativa em ver o filho formado e ter retorno financeiro. Ou seja, os pais superestimam as possibilidades que a formatura pode proporcionar aos filhos. As pressões se intensificam à medida em que os filhos vão conhecendo a realidade do mercado de trabalho e temem decepcionar os pais. Com 10,5% vem as pressões intrapessoais: “autocobrança, perfeccionismo, metas altas, comparações”. Esse é um fator pessoal. Com 8,1% vem a “rotina puxada, cotidiano; conciliar trabalho e estudo, prazo curto”. Com 7,5% vem “os problemas financeiros, falta de dinheiro, dívidas”. Depois vêm as pressões com outros problemas pessoais, como: “falar em público”, “relacionamento amoroso”, “ansiedade”, “indecisão”, “ser mãe solteira”, “pressão da mídia”.

A próxima pergunta foi elaborada com intuito de investigar uma das manifestações emocionais mais evidentes percebida no convívio com estudantes: “do que você tem mais medo?”. Por óbvio o que normalmente uma pessoa tem mais medo é da morte. E essa foi a principal resposta com 28,2% “Morte, morrer sem realizar os sonhos, morte de familiar ou alguém querido”. A ideia de morte apavora muita gente, mas observa-se que o medo está ligado a possibilidade de não realizar desejos e sonhos ou medo da perda. Para 25,5% o que mais temia era o seu futuro; “desemprego; estagnar; esforço em vão, fracassar, não alcançar os sonhos, escolha errada”. Em seguida com 7,5% foram as demandas da universidade “perder disciplina, atrasar o curso, não se formar, apresentar o TCC, greve, etc”. Em seguida com 5,1% “terminar

o curso e não tá preparada, não ter uma boa formação, não ser um bom”. Esses três últimos grupos de respostas tem uma relação direta com a universidade enquanto os dois primeiros de alguma maneira tem haver com as repercussões da formação na universidade. Tanto o medo do mercado de trabalho difícil, quanto a insegurança de não estar bem preparado para atuar profissionalmente são medos que fazem parte dos sentimentos dos estudantes. Agora 5,1% afirmam não ter medo de “nada”. Enquanto 4,8% tem “medo de decepcionar ou frustrar os pais e outras pessoas”. Outras respostas estatisticamente pulverizadas são mais próximas às questões íntimas como o medo da solidão, abandono, rejeição, das crises existenciais, de enlouquecer, surtar, perder o controle, explodir, etc.

De um modo geral é possível demonstrar que as tensões emocionais estão relacionadas com os problemas da universidade e o seu contexto sócio-econômico-cultural. Uma das descobertas importantes, nesse sentido é que há um medo latente em não ser compensado por todo o esforço e todo obstáculo imposto pela vida acadêmica. Os estudantes suportam as adversidades confiando que posteriormente serão recompensados. Só que há uma desconfiança avassaladora de que essa compensação possa não vir.

3.5 Universidade e o futuro

A última pergunta foi elaborada para entender como ansiedade, pressão e medo poderiam estar vinculados com o futuro: “Você tem medo do seu futuro? Por que?”. Somadas as respostas com justificativa a maioria - 58,6% - afirmou que sim. Enquanto que 41,4% responderam que não.

As principais razões pelas quais os estudantes têm medo do futuro em primeiro lugar com 19,2 % foi pela natureza imprevisível do futuro, a incerteza, a falta de garantia ou controle. Esse conjunto de resposta é bem genérico. Em seguida com 15,9% a resposta foi mais específica, ou seja, o medo de estar fazendo esforço em vão, medo de não alcançar as coisas que planejou: ter uma vida estável, passar num concurso e ter família. Depois, com 9,9% vem o medo do desemprego, de não ter estabilidade no emprego, da insegurança no mercado de trabalho e, por fim, ficar pobre. Em seguida, com 4,8% vem o medo de ter feito as escolhas erradas, no curso, na carreira que podem gerar muitas dúvidas e frustrações. Depois, com 4,2% vem o medo de não ser profissional competente, cometer erros; não conseguir ser a pessoa que desejou. Por fim, com 2,7% Sim. Medo de morrer, de ficar só, de ter problemas com a saúde ou velhice. Já para as pessoas que não têm medo do futuro 20,7% justifica essa resposta alegando preferir focar no

presente. Enquanto 16,5% estão confiantes nas escolhas e nos planos que estão construindo. E para 4,2% não há o que temer porque tudo tá nas mãos de Deus. Em resumo a maioria das pessoas tem medo do futuro por conta da imprevisibilidade bem como de um cenário de desemprego e subemprego que é sombrio. A realidade socioeconômica não é alheia ao conhecimento dos estudantes. Ao contrário, eles estão bem preocupados com os problemas sociais que devem encontrar na sua jornada.

Estudos do DIEESE com base na Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio (PNAD) - IBGE mostra que número de ocupados com ensino superior completo cresceu 15% entre 2019 e 2022 (DIEESE, 2024). Porém esse crescimento está concentrado em trabalhos que não exigem esse grau de escolaridade. Das pessoas empregadas com nível superior 61% que são pobres estavam em funções de que exigem apenas primeiro ou segundo grau. Enquanto que entre os mais ricos com nível superior 71% estavam em funções de nível superior e apenas 28,5% em atividades não típicas. Ou seja, uma parcela significativa das pessoas pobres concluiu seu ensino superior e continuam em funções de nível inferior. Além disso, houve uma queda do rendimento médio de pessoas ocupadas com ensino superior de 8,7%. Outro dado do DIEESE que ilustra essa situação é que aproximadamente 90 mil motoristas de aplicativos e 70 mil entregadores de comidas e produto tem ensino superior completo (DIEESE, 2024).

397

É compreensível os temores e pressões psicológicas que os estudantes sofrem com o medo de estar fazendo um esforço em vão. O temor de enfrentar tantas adversidades e tantos sacrifícios no ambiente universitário e não ser recompensado. Portanto, as tensões vivenciadas no dia a dia da universidade estão contidas num contexto socioeconômico complexo. Os sintomas decorrentes dessa relação e os medicamentos consumidos são compatíveis com o grau de preocupação dos estudantes.

4 CONCLUSÃO

O principal objetivo da pesquisa em primeiro lugar foi investigar a relação do consumo de medicamentos por estudantes universitários com possíveis fatores socioculturais identificando e classificando as principais causas que levam ao uso. Em segundo lugar problematizar se a universidade é fator de risco para o desenvolvimento de sintomas físicos e psicológicos. Como visto o consumo de medicamentos para enfrentar o dia a dia da universidade foi percebido como um importante indicador do estado de saúde mental dos estudantes universitários, já que, boa parte dos sinais e sintomas descritos pelos estudantes coincide ou

correspondem com os transtornos de ansiedade. Muitos dos sintomas psicológicos vivenciados por estudantes têm como principal itinerário terapêutico o consumo de medicamentos como analgésicos, relaxantes musculares e fitoterápicos. Como pôde ser demonstrada, a prática de uso inadequado com desvio de finalidade do medicamento é habitual para sintomas como insônia e tensões emocionais. Medicamentos como os, os anti-eméticos, antialérgicos ou relaxantes musculares eram utilizados para de induzir os efeitos colaterais como o caso da sonolência. A insônia que frequentemente está associado ao estresse e a ansiedade é enfrentada com esse tipo de medicamento.

Foi possível evidenciar que as tensões emocionais estão relacionadas diretas ou indiretamente com os problemas da universidade e o seu contexto sócio-econômico-cultural. Embora estejamos considerando a conjunção de fatores que levam ao consumo de medicamentos, como, por exemplo, os fatores pessoais e familiares; não podemos desconsiderar que a pergunta da pesquisa foi feita para entender a relação: consumo de medicamentos e o dia a dia da universidade. Nesse sentido, os fatores psicossociais e econômicos como a preocupação com o mercado de trabalho, rendimento financeiro, estabilidade no emprego, medo de ter feito as escolhas erradas ou mesmo de não estar bem preparado são inquietações que indiretamente estão associadas à universidade. Da mesma maneira, ao ser questionado qual a razão que os estudantes atribuem aos sintomas manifestados não há dúvida para a maioria de que são as demandas da universidade, como a pressão por provas, aulas, TCC, etc.

398

A universidade de alguma maneira afeta o estado psicológico dos estudantes por ter um elevado grau de significância para eles. Nela o estudante deposita muitas expectativas e esperanças de um futuro promissor. Por essa razão temem frustrações, já que são conscientes dos sérios problemas socioeconômicos que muito provavelmente vão enfrentar. A incerteza produz um medo de estar fazendo um esforço em vão. Isso é resultante da falta de garantia das compensações sonhadas após a conclusão do curso. Esse medo se soma às tensões emocionais já presente no enfrentamento do dia a dia da universidade o que possivelmente intensifica os transtornos psicológicos.

As conclusões a que nos referimos são indícios fortes da relação entre sintomas psicológicos, consumo de medicamentos e contexto socioeconômico e cultural que envolve a universidade. Não restam dúvidas de que são necessários mais estudos e outras abordagens para lidar com esse preocupante fenômeno.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, DSM-5. [S.l.]: Artmed Editora, 2014.
- BAVARIAN, N.; FLAY, B.R.; KETCHAM, P.L.; SMIT, E. The illicit use of prescription stimulants a college student sample: A theory-guided analyses. *Health Education & Behavior. Drug Alcohol Depend.* Oct 1; 132(3): 665-673. 2013.
- _____. The illicit use of prescription stimulants on college campuses: A Theory-Guided Systematic Review. *Health Education & Behavior.* 2015 Dec;42(6):719-29 USA. 2015.
- BENSON, K.; FLORY, K; HUMPHREIS, KL; LEE, SS. Misuse of stimulant medication among college students: a comprehensive review and meta-analysis. *Clinical Child and Family Psychology Review.* Mar. Vol. 18(1):50-76. US. 2015.
- BORTOLUZZI, Mariana M. Et al. Efeito fitoterápico de plantas medicinais sobre a ansiedade: uma breve revisão. *Research Society and Development.* Vol 9. N 2 ISSN 2525-3409 (Online) 2020.
- DIEESE. *Boletim Emprego em Pauta.* N, 26. 2023. Disponível em <<https://www.dieese.org.br/boletimempregoempauta/2023/boletimEmpregoemPauta26.html>> . Acessado em 29/07/2024
- DOOLEY, D.; CATALANO, R.; JACKSON, R.; BROWNELL, A. Economic life and symtom changes in a nonmetropolitan community. *Journal of Health and Social Behavior.* 22, 144 - 154. 1981.
- DOOLEY, D.; CATALANO, R. ROOK, K. SERXNER, S. Economic stress and suicide : multilevel analyses. Part 1 : aggregate time-series analyses of economic stress and suicide. *Suicide and Life-Threatening Behavior* 19, 321-336. 1989.
- GOLDMAN-MELLOR, Sidra J.; SAXTON, Katherine B. & CATALANO Ralph C. 7411390201 Economic Contraction and Mental Health: A Review of the Evidence, 1990-2009. *International Journal of Mental Health vol.* 39, no. 2. 2010.
- HELMAN, Cecil. G. *Cultura, saúde e doença.* Artmed. Porto Alegre. 2009.
- KATONA, G. The psychology of the recession. *The American Psychologist* 14, 135-143. (1959).
- Kwon CY, Lee B, Chung SY, Kim JW. Herbal medicine for post-stroke anxiety: A systematic review and meta-analysis of randomized controlled trials. *Complement Ther Clin Pract.* 2019. 35:237-252. doi:10.1016/j.ctcp.2019.02.015. Epub 2019 Feb 27. PMID: 31003665. Disponível em <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31003665>>
- LUO, Lu Et al. Heavy metal contaminations in herbal medicines: Determination, comprehensive risk assessment and solutions. *Frontiers in Pharmacology.* <<https://doi.org/10.3389/fphar.2020.595335>>. Beijing. 2021

McCABE, S.E. Correlates of nonmedical use of prescription benzodiazepine anxiolytics: results from a national survey of U.S. college students. *Drug Alcohol Depend.* Jul. 79(1): 53–62. 2005.

McCABE, S.E; WEST, B.T, Teter, C.J, BOYD, C.J. Trends in medical use, diversion, and nonmedical use of prescription medications among college students from 2003 to 2013: Connecting the dots. *Addictive Behaviors.* Jul;39(7):1176-82. 2014.

OLIVEIRA, Elias Barbosa; FUREGATO, Antonia Regina Ferreira. Nursing students' work, a risk factor for the consumption of alcohol and other drugs. *Revista Latino-Americana de Enfermagem.* Vol. 16. Ribeirão Preto. 2008.

SAURINA, Laura Serra. DAPONTE, Antonio e SAEZ, Marc. Did psychotropic drug consumption increase during the 2008 financial crisis? A cross-sectional population-based study in Spain. *BMJ Open.* v.9(1). 2019. <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6347932>. Acesso em 26 de abril de 2019

SILVA, R.; OLIVEIRA, T.; CASIMIRO, T.; VIEIRA, K.; TARDIVO, M.; FARIA, J.; RESTINI, C. Automedicação em acadêmicos do curso de medicina. *Medicina.* 45(1): 5-11. Ribeirão Preto. 2012. Disponível em <<http://www.periodicos.usp.br/rmrp/article/view/47477/51205>>. Acessado em 30 de abril de 2019

STONE, A.M. & MERLO L. J. Psychiatric medication-seeking beliefs and behaviors among college students. *Am J Drug Alcohol Abuse.* Jul;38(4) . 2012. Disponível em <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/22681334>>. Acessado em 04 de abril de 2019

ZIVIN, K.; PACZKOWISK, M. e GALEA, S. Economic downturns and population mental health: research findings, gaps, challenges and priorities. *Psychological Medicine.* 41, 1343–1348. Cambridge University Press 2010